

Criatividade: a construção de novos cenários para o turismo em Ponte de Lima

Mécia Mota

Faculdade de Ciências Sociais

Universidade Católica Portuguesa

Braga

Telefone: 351253206100

Fax: 351253206108

E-mail: meciamota@gmail.com

Função: Mestre em Planeamento e Organização do Espaço Territorial

Paula Cristina Remoaldo

NIGP/CICS

Departamento de Geografia/ICS

Universidade do Minho

Guimarães

Telefone: 351253510560

Fax: 351253510569

E-mail: premoaldo@geografia.uminho.pt

Função: Professora Associada na Universidade do Minho

J. Cadima Ribeiro

NIPE/Escola de Economia e Gestão

Universidade do Minho

Braga

Telefone: 351253604540

Fax: 351253601380

E-mail: jcadima@eeg.uminho.pt

Função: Professor Catedrático na Universidade do Minho

Contacto de envio de toda a correspondência:

Paula Cristina Almeida Remoaldo

Telemóvel: 965717113

cris.remoaldo@gmail.com

Criatividade: a construção de novos cenários para o turismo em Ponte de Lima

Resumo

O turismo e a criatividade têm ganho espaço nas estratégias de desenvolvimento das cidades, constituindo dois dos instrumentos melhor posicionados para alcançar essa meta. Esse papel advém da possibilidade de se tirar partido dos recursos endógenos.

Este artigo pretende contribuir para clarificar o papel do turismo e da criatividade no desenvolvimento de pequenos núcleos urbanos, tomando para objecto de análise o caso de Ponte de Lima. Para tal, procede-se a uma curta discussão sobre o conceito da criatividade e à caracterização e avaliação das potencialidades turísticas do município em causa. Num segundo momento, dá-se notícia da percepção dos actores locais/regionais sobre a matéria. A informação foi recolhida através de pesquisa de dados secundários e com recurso à realização de entrevistas semi-estruturadas feitas a treze agentes de instituições com intervenção local e regional.

Com o diagnóstico realizado e o levantamento de elementos de estratégia, pretende-se dar um contributo para a concretização de um projecto de desenvolvimento turístico sustentado no território em estudo.

Palavras-chave: Turismo Cultural, Turismo Criativo, Planeamento Estratégico, Ponte de Lima.

Abstract

Creativity and tourism have been playing an increasing role in the development of cities and are considered two of the best instruments to achieve that goal. This role has to do with the possibility of exploring and benefiting from their endogenous resources.

This paper tries clarifying the potential role of creativity and tourism in Ponte de Lima development. With that aim, we begin it with a short discussion of the concept of creativity, and the characterization and evaluation of Ponte de Lima tourism resources. In a second moment, we analyse the view kept by the local/regional actors regarding its

tourism strategy. The secondary information used was collected from several sources. Besides that, we conducted interviews about the research issue to 13 local and regional agents.

The idea behind this research was to give a contribution to the implementation of a more sustainable and efficient tourism strategy in what concerns the Ponte de Lima case. For that, based on the results we got from the interviews and the general analysis developed, a few recommendations are produced.

Keywords: Cultural Tourism, Creative Tourism, Strategic Planning, Ponte de Lima.

Introdução

Segundo o “Estudo Macroeconómico para o Desenvolvimento de um *Cluster* das Indústrias Criativas na Região Norte” (Fundação Serralves, 2008), o turismo cultural tem vindo a apresentar-se como uma alternativa ao modelo clássico tradicional “sol e praia”, baseado na exploração de um número limitado de centros de atracção, e em resposta a uma procura turística que se tem revelado mais exigente, segmentada e em mudança. O mesmo estudo indica que a cultura tem sido usada como um meio de desenvolvimento económico e social, e que o mercado de turismo cultural tem sido inundado com novas atracções patrimoniais, rotas e percursos pedonais. Muitos consumidores, cansados da massificação de certos destinos turísticos, têm procurado alternativas que correspondam melhor às suas expectativas. No fundo, considera-se (Fundação Serralves, 2008) que estamos perante um “novo turista” e um novo consumo que aponta para o uso da criatividade como alternativa ao produto turístico tradicional.

De um modo geral, as estratégias usadas por cidades e regiões para se constituírem em destinos turísticos atractivos foram a criação de ícones arquitectónicos, de mega-eventos, o recurso à tematização e o uso na oferta turística do respectivo património. O problema que se coloca é o das cidades se sentirem tentadas a usar as ideias das outras. Neste sentido, na perspectiva dos autores do estudo promovido pela Fundação Serralves (2008), deve desenvolver-se uma oferta que permita evidenciar o carácter distintivo de uma cidade ou região, tirando partido da respectiva cultura, na sua expressão material e imaterial, e criatividade. Isso implica que os destinos estabeleçam uma estratégia que conjugue o seu património material e imaterial com a produção contemporânea.

A maior parte das políticas de desenvolvimento local privilegiam a realização de actividades culturais, a organização de grandes eventos, a construção de equipamentos emblemáticos e a criação de condições a nível de infra-estruturas que viabilizem o cruzamento de actividades de tecnologia, como o audiovisual e a multimédia (Henriques, 2003). Este cruzamento de sectores e agentes é muito propício ao desenvolvimento da criatividade pela revitalização.

A esse respeito, Bilbao é muito interessante porque, com a construção do Museu Guggenheim, conseguiu-se animar o sector do alojamento, da restauração e dos transportes, em razão das muitas visitas que gerou. Por sua vez, o crescimento das indústrias culturais promoveu as galerias e os artistas. No fundo, o museu colocou Bilbao no mapa cultural (Haarich e Lenfers, 2000). Este é um exemplo de como a construção de um equipamento emblemático pode mudar a vida de uma cidade.

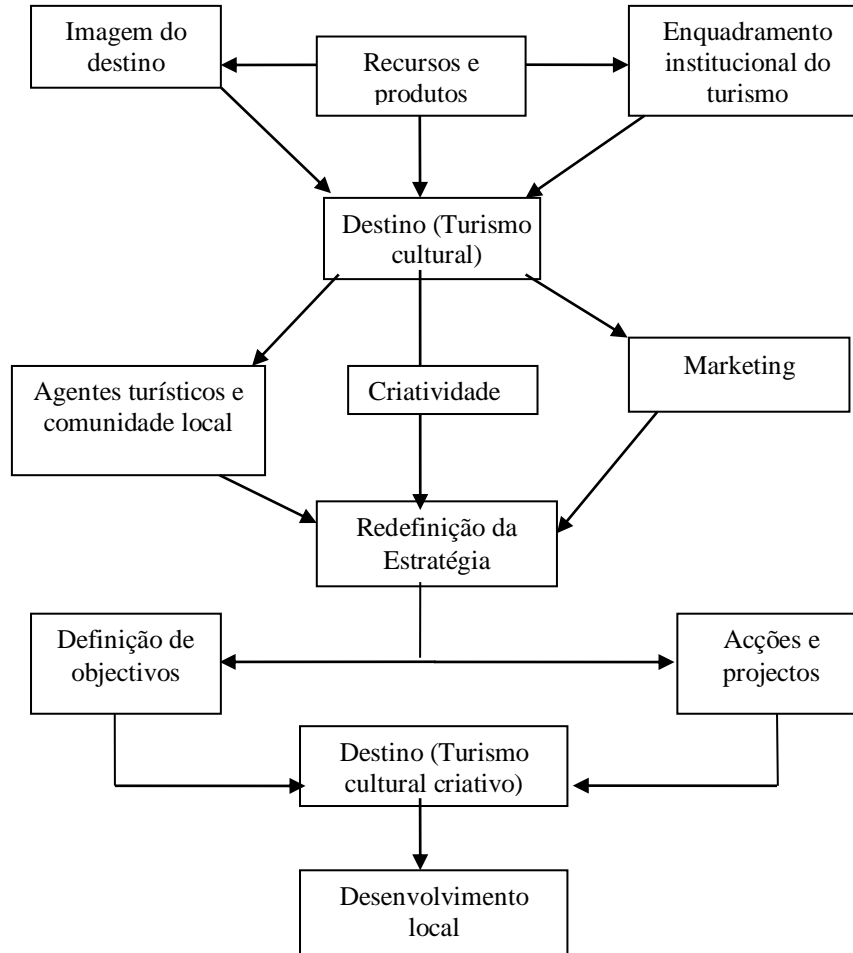
O presente artigo centra-se no desenvolvimento de novos produtos turísticos, produtos que, nomeadamente, tenham a potencialidade de evoluir do aproveitamento de recursos básicos para a conformação de experiências criativas para e por parte dos visitantes. Nesse ensejo, a questão que se poderá colocar é a seguinte: de que forma se poderá transitar do turismo cultural tradicional, essencialmente de fruição passiva, para um turismo cultural criativo/activo? Estrutura-se como segue: começa-se com uma breve discussão sobre o conceito de criatividade e a sua natureza multidisciplinar; no ponto dois, procede-se à caracterização e avaliação das potencialidades turísticas de Ponte de Lima; no ponto três, dá-se notícia das percepções mantidas pelos actores locais/regionais sobre o potencial de desenvolvimento turístico do município; no ponto quatro, sintetizando dados, apresenta-se uma análise das fraquezas, ameaças, pontes fortes e oportunidades associadas ao projecto de desenvolvimento turístico de Ponte de Lima; fecha-se com as conclusões e as recomendações de política.

1. A importância da criatividade no turismo cultural

O presente texto pretende contribuir para a construção de um novo discurso no que ao desenvolvimento do turismo em Ponte de Lima diz respeito. O elemento central do discurso que se pretende incentivar é a criatividade.

Importa esclarecer este novo conceito e o alcance da sua aplicação em termos de estratégia de desenvolvimento turístico. Para esse efeito, elaborou-se um modelo onde se retêm as dimensões da construção de um destino turístico e os factores de evolução do turismo cultural comum para o turismo criativo (Figura 1). Por essa via, pretende-se tornar explícita a mudança de paradigma que um e outro conceito implicam, isto é, a necessidade de operar a passagem de uma fruição passiva do produto por parte do turista para um modelo em que o turista quer ser um elemento activo na experiência turística.

Figura 1- Destino turístico e factores de evolução do turismo cultural para o turismo criativo



Fonte: Elaboração própria.

Neste sentido, a nossa proposta passa por, em primeiro lugar, colocar a questão do enquadramento institucional do turismo. Por outro lado, no que à problemática dos recursos diz respeito importa ver quais deles podem ser rentabilizados no contexto do novo projecto e como, a partir da carteira básica de recursos, se podem desenvolver novos produtos que vão ao encontro de nichos relevantes da procura.

Importa, para o efeito, ter presente que Ponte de Lima possui uma imagem externa muito positiva, resultante do forte investimento concretizado na recuperação e preservação do seu Centro Histórico e no projecto “Ponte de Lima, Terra Rica da Humanidade”. No fundo, esse investimento ajudou a consolidar uma imagem de marca baseada nos valores simbólicos da Vila.

Tomando essa realidade de partida, a construção de um novo projecto a nível de turismo supõe que sejam trabalhados os valores associados à emergência da criatividade e a aposta em indústrias criativas. Numa certa medida, como o sugerem Selada e Vilhena da Cunha (2008), esse potencial pode aproveitar da circunstância de se tratar de uma vila histórica e da enorme carga simbólica daí resultante, exprimível em lugares pitorescos e sossegados (rios, florestas e lagos), em património construído de diversas épocas e em tradições e celebrações com antecedentes remotos.

Para tal, os diversos agentes do sector (*stakeholders*) necessitam também de tomar papel mais activo em todo o processo de desenvolvimento turístico, coordenando projectos e acções. As populações residentes, por sua vez, precisam igualmente de ser ouvidas, na própria medida em que elas são parte da experiência turística.

Olhando a situação presente, na estratégia de promoção implementada, resulta notória a ausência de um plano de comunicação e marketing. De idêntico modo, para captar novos públicos, parece ser necessário o recurso mais intenso a novos métodos de informação e comunicação.

Todas estas insuficiências e circunstâncias apontam a necessidade da redefinição da estratégia, mesmo que não estivesse em causa a criação de uma nova imagem do destino. Estando, isto é, equacionando-se a oportunidade de explorar novos factores de atractividade e, em concreto, projectar Ponte de Lima como um destino de turismo cultural criativo, mais se reforça a urgência de implementar modelos renovados de promoção e de actuação e de olhar para o potencial que o território oferece a nível de oferta de novos produtos.

Naturalmente, redefinidos que sejam os objectivos a serem atingidos a médio-longo prazo, haverá que reunir depois vontades e recursos para concretizar as acções e projectos que lhe dêem corpo. Só então se chegará à almejada afirmação de um destino de turismo cultural e criativo e, por via deste, a um maior nível de bem-estar local.

1.1. A criatividade: um conceito, vários significados

A criatividade é um conceito complexo e multidisciplinar que, quanto mais o tentamos definir, mais ele nos ilude (Landry *et al.*, 1996). Mas, ao mesmo tempo que nos ilude, tem a ver com as diferentes soluções que se nos podem oferecer, porque um

objecto pode ser interpretado de várias formas, de acordo com o olhar de diversos indivíduos.

Mas então o que é a criatividade? A criatividade tem a ver com o trazer algo à nossa existência, tem a ver com o criar e inventar, usar a imaginação. É a capacidade de resolver problemas inesperados. A verdadeira criatividade envolve a experimentação, a originalidade, a capacidade de quebrar regras, ser inconvenção, construir cenários futuros, olhar para as situações com um pensamento lateral e flexível (Landry *et al.*, 1996).

Para Domenico de Masi (2003) [citado por Kunzmann, 2006], a criatividade é um objectivo que dá significado, que dá vida, que nos arrebatada pela surpresa. Mas também é algo misterioso, rebelde, divertido, impertinente e simpático. A criatividade está aliada a termos como a inovação que, segundo Escaleira (2008), pode ser compreendida como a implementação de um produto (bem ou serviço) novo ou significativamente melhorado, ou um processo, ou um novo método de marketing, ou um novo método organizacional nas práticas de negócios, na organização do local de trabalho ou nas relações externas. Por outras palavras, a criatividade é a formação das ideias e a inovação é a sua colocação em prática.

Para Florida e Tignali (2004), a competitividade futura vai depender de um conjunto de factores que podem ser resumidos na chamada teoria dos 3 T's, que são a Tecnologia, o Talento e a Tolerância. No entanto, para Cadima Ribeiro (2009), aos 3 T's importa juntar um quarto atributo: a Distinção, reportada à qualidade de vida e à variedade de equipamento social e cultural disponível. O mesmo autor, defende ainda que apenas uma boa conjugação destes factores permite (às cidades/territórios), serem capazes de atrair, reter e desenvolver pessoas criativas.

Na perspectiva de Florida (2002), a classe criativa inclui cientistas e engenheiros, professores universitários, artistas, *designers* e escritores, investigadores e analistas, arquitectos e pessoas de outras profissões que lidam com tarefas criativas. Estes trabalhadores têm em comum um “ethos” criativo que destaca a criatividade, a individualidade, a diferença e o mérito.

1.2. Do turismo cultural ao turismo criativo

O turismo cultural pode ser definido, em sentido lato, como o movimento de pessoas que procuram as atracções culturais, conhecer a cultura, história, manifestações culturais e artísticas, fora do seu local habitual de residência, com a intenção de obter novos conhecimentos e conhecer outras culturas (Simeon, Buonincontri e Trapani, 2009). Em sentido mais restrito, e de acordo com a Organização Mundial de Turismo, remete para a necessidade humana de conhecimento e experiência.

Fazendo face às mudanças verificadas a nível de padrões de consumo, os destinos turísticos podem continuar a oferecer o turismo cultural “tradicional” mas correm o risco de perder mercado. No entanto, as alternativas que se oferecem são difíceis de assimilar pelo turismo tradicional, o que não significa que devam ser ignoradas ou descuradas. Entre essas alternativas está o turismo cultural activo, também apelidado de criativo (Richards, 2009).

Richards e Raymond (2000) definiram o turismo criativo como o turismo que oferece aos visitantes a oportunidade de desenvolverem o seu potencial criativo através de uma participação activa em experiências de aprendizagem que são características do destino de férias para onde são levados. Para Richards e Wilson (2006), a criatividade permite: adicionar valor aos territórios e aos produtos culturais; a criação de novos produtos; e a sustentabilidade. Acresce que a criatividade pode ser transportada para vários locais e permite a criação de valores.

Estas são algumas das razões invocadas para supormos que o turismo criativo se oferece como uma alternativa ao turismo cultural tradicional. Em boa verdade, mais do que produtos ou serviços específicos, releva aqui a criação de uma “atmosfera” do lugar (Richards e Wilson, 2006). Tal poderá ser feito através da realização de eventos culturais criativos, como a Capital Europeia da Cultura que Guimarães vai acolher em 2012, ou a criação de espaços criativos, como se pretende que venha a ser o Bairro dos Couros em Guimarães, aparte o contributo que daí virá para a regeneração urbana da mesma.

2. Metodologia

O presente artigo é decorrente de um projecto de investigação realizado entre Julho de 2009 e Junho de 2010 no âmbito de um curso de mestrado. Os principais objectivos prendiam-se com: i) destringir o turismo cultural do turismo criativo; ii)

avaliar o potencial do turismo criativo; e iii) avaliar os projectos de turismo que estavam em curso de Ponte de Lima, no contributo que poderiam dar para um novo modelo turístico local.

Em particular, os propósitos deste artigo são caracterizar sumariamente a Vila de Ponte de Lima em termos sócio-culturais e de sustentabilidade turística, e dar contributos para um plano estratégico que aponte no sentido da construção de uma estratégia de turismo com base na criatividade e no turismo activo, de forma a conseguir-se captar novos segmentos de mercado e a promover o desenvolvimento da vila. A partir dos resultados empíricos obtidos, tentar-se-á extrair algumas ideias-força e recomendações de política.

Território de estudo

O concelho de Ponte de Lima pertence ao distrito de Viana do Castelo, sub-região conhecida por Alto Minho, ocupando uma posição central no Vale do Lima, entre Viana do Castelo, a poente, e Ponte da Barca e Arcos de Valdevez, a nascente. Tem 51 freguesias, num espaço geográfico de 320,3 Km².

De acordo com dados oficiais do Instituto Nacional de Estatística (I.N.E.), em 1991 o município tinha 43.421 habitantes e em 2007 alcançava os 44.618 habitantes (I.N.E., Censos de 2001 e Anuário Estatístico da Região Norte, de 2007). De acordo com as *Estimativas da População Residente do I.N.E.*, de 2007, a população jovem representaria 24% da população total do município (I.N.E., 2008).

Ponte de Lima possui uma base económica débil e pouco diversificada, sendo a sua superfície maioritariamente usada para fins florestais (50,5% da área do concelho) e agrícolas (36,1% da área do concelho) [C.M.P.L., 2002].

O concelho de Ponte de Lima apresenta uma qualidade ambiental e natural excepcional, marcado que é por valores paisagísticos e patrimoniais muito ricos e diversificados, particularmente no equilíbrio dos valores ambientais com uma paisagem caracterizada por uma baixa acção do homem (C.M.P.L., 2002). Em parte em razão disso, encontra-se vocacionado para um turismo de qualidade, através do T.E.R. (Turismo em Espaço Rural).

A essa dimensão ambiental e patrimonial, de que tira proveito o T.E.R., há que acrescentar a forte aposta feita nas décadas mais recentes na qualificação do Centro Histórico e na divulgação do Caminho Português para Santiago de Compostela que passa pela Vila.

Nos últimos quinze anos, tem-se registado um aumento de dormidas na hotelaria. Em 2006, alcançou um recorde de 27 222 dormidas (Mota, Remoaldo e Cadima Ribeiro, 2010).

A Feira de Ponte de Lima, que é uma das mais antigas do país, é uma importante atracção para os visitantes (Sá *et al.*, 2007). Ponte de Lima tem ainda uma das poucas áreas protegidas de gestão municipal do país, e a Quinta Pedagógica de Pentieiros e a Ecovia devem ser considerados como pontos fortes no âmbito do Turismo de Natureza (Sá *et al.*, 2007). A Feira do Cavalo e o Festival Internacional de Jardins são outros dos eventos com potencial turístico a considerar.

Desenho do inquérito por entrevista e amostra

Tendo por base as considerações tecidas no ponto 1 do presente texto e as dormidas registadas na hotelaria em Ponte de Lima em 2006 (27 222 dormidas), realizámos entrevistas semi-estruturadas a um conjunto de agentes, utilizando um guião flexível e adaptável às contingências dos discursos produzidos em situação de inquérito (Remoaldo e Machado, 2008). Contemplámos na nossa amostra 13 representantes de instituições locais e regionais que, directamente ou indirectamente, estão relacionadas com a problemática do turismo em Ponte de Lima (Quadro 1).

Quadro 1- Lista de entrevistas realizadas

Identificação do agente local / regional	Função
Arquivo Municipal de Ponte de Lima	Coordenadora
CCDR-N – Comissão de Coordenação e Desenvolvimento da Região Norte	Perito em Turismo e Coordenador da Agenda Regional de Turismo
UFP – Universidade Fernando Pessoa	Docente e Investigador
Biblioteca Municipal de Ponte de Lima	Coordenadora
Loja de Artesanato e Delegação de Turismo de Ponte de Lima	Coordenadora
Museu dos Terceiros	Técnico do Museu
Clube Náutico de Ponte de Lima	Coordenador

IPVC – Instituto Politécnico de Viana do Castelo	Coordenador do Curso de Turismo
Câmara Municipal de Ponte de Lima	Vereador do Turismo
AREA Alto Minho – Agência Regional de Energia e Ambiente do Alto Minho	Técnica do Ambiente
Capital Europeia da Cultura 2012	Director de Projecto
ADRIL – Associação de Desenvolvimento Rural Integrado do Lima e TURIHAB – Associação de Turismo de Habitação	Presidente da ADRIL e da TURIHAB
Oficina da Natureza – Empresa de Animação Turística	Sócio-gerente

Fonte: elaboração própria.

O guião da entrevista contemplou um conjunto de onze temas, de forma a permitir dar coerência e homogeneidade às diferentes entrevistas que seriam concretizadas (Mota, Remoaldo e Cadima Ribeiro, 2010). No presente texto analisam-se apenas alguns dos temas contemplados, nomeadamente: a importância do turismo para o município e para a região; a gestão e promoção turística; o Plano Estratégico Nacional de Turismo (P.E.N.T.); e os recursos identificados para optimização de um projecto renovado de turismo cultural.

Em média, as entrevistas duraram 45 minutos, e foram concretizadas nos meses de Abril e Maio de 2010. Pensa-se que os enviesamentos de leitura de situação por parte dos entrevistados devem ser reduzidos, atendendo a que as mesmas foram realizadas num ambiente calmo, tendo sido atingidos os objectivos gerais que eram prosseguidos. Quanto à forma, privilegiaram-se as questões abertas, correspondendo, principalmente, a opiniões e vivências dos entrevistados.

Com o consentimento dos entrevistados, as entrevistas foram gravadas em registo áudio e procedeu-se posteriormente à sua transcrição e a uma análise temática e categorial de conteúdo.

3. Resultado das entrevistas aos agentes institucionais

Dentro dos propósitos enunciados, para analisar o envolvimento dos agentes institucionais no desenvolvimento do turismo em Ponte de Lima, realizaram-se entrevistas a um conjunto de agentes que se supunha que pudessem aportar informação relevante sobre a problemática. Entre eles encontravam-se representantes das seguintes estruturas: câmara municipal, arquivo municipal, associações locais, instituições de

ensino superior instaladas no município, museus, biblioteca, comissão de coordenação e desenvolvimento da região norte (rever Quadro 1).

Os resultados da análise das entrevistas efectuadas são apresentados de seguida, organizados por temas e categorias previamente definidos.

3.1. Importância do turismo para o município de Ponte de Lima e para a região

Começou-se por perguntar aos entrevistados qual era a importância do turismo para o município de Ponte de Lima e para a região, tendo todos sido de opinião de que era de elevada importância.

A forma mais frequentemente usada para relevar a importância do turismo foi dizer que esta actividade é quase uma alavanca para o desenvolvimento económico, tanto a nível do município como a nível regional. A seguinte afirmação de um dos entrevistados atesta que o turismo é um dos sectores fulcrais para o desenvolvimento:

“O Turismo para nós é um dos sectores chave (...). Eu costumo dizer que Portugal devia ser a “colónia de férias” da Europa, porque (...) o melhor que temos é a beleza do nosso país, e neste caso, no nosso concelho, é uma das mais-valias que nós temos” (Vereador do Turismo da Câmara Municipal de Ponte de Lima).

Outro elemento que pudemos depreender da análise das entrevistas é a importância que tomam as populações locais no turismo:

“Hoje o turismo, e falo no turismo criativo, as tendências emergentes do turismo, são que o turista (...) quer fazer algo, quer experiências, quer emoções e isso tenho defendido (...) nós cá, na região, não estamos a preparar um recurso fundamental (...) que são as populações locais (...), porque elas fazem parte da experiência turística (...)”. (Coordenador do Curso de Turismo do IPVC).

A importância do turismo em Ponte de Lima releva também da posição geograficamente central que o município ocupa:

“A importância do turismo é inegável. Ponte de Lima (...) está bem colocada geograficamente. É um ponto de passagem (...). Ponte de Lima tem, por sua vez, apostado em termos de animação, desde o Festival de Jardins (...), a Feira do Cavalo, a Feira do Vinho, a Gastronomia, o Sarrabulho (...) as Romarias e as Feiras Novas. (Presidente da ADRIL e TURIHAB).

A elevada importância do turismo para a região tem presente, em particular, o respectivo impacto para as empresas e o emprego, como nos refere a narrativa abaixo. A parte cultural, patrimonial e as práticas locais também não ficaram esquecidas.

“Essa pergunta tem uma resposta rápida e óbvia (...) quer em termos de empresas, quer em termos de emprego (...). E tem a ver sobretudo com a sua expressão cultural, pela dimensão patrimonial, por aquilo que é sentir, aquilo que são as práticas das suas gentes e isso é cada vez mais importante.” (Director de Projecto Guimarães 2012).

3.2. Gestão e promoção turística

Pôde constatar-se que os entrevistados dão elevada importância à promoção turística. Contudo, é importante referir que as opiniões divergem sobre a eficácia da estratégia de gestão e promoção turística feitas na região norte. Em concreto, desde logo, divergem sobre a importância do papel agregador da “nova” região de turismo, que consideram abranger um espaço muito vasto. Disso é notícia a narrativa que se segue:

“Para mim [a questão possui dois lados], porque haver as regiões de turismo como havia antigamente não fazia sentido, pois andavam todos a promover a mesma coisa (...), mas (...) o turismo Porto e Norte de Portugal é muito abrangente e tem realidades completamente diferentes (...). Mas (...) julgo que a estratégia que estão a seguir é interessante” (Vereador do Turismo).

Num registo algo diferente, a complexidade e contradições do modelo institucional de promoção turística entretanto implementado está também presente nas declarações seguintes:

“A minha opinião é positiva pelo facto de se ter criado uma só região. Mas há aqui um aspecto que tem de ser tomado em consideração que é o seguinte: é que foi criada uma região e foram depois ancorados na região um conjunto de produtos (...) estratégicos (...). Há aqui um conceito que nesta reestruturação não foi tomado em consideração: é que a região como ela é (...) não é homogénea; ela tem (...) o destino Minho, Trás-os-Montes, Douro e Porto, e esta contextualização não está enquadrada no âmbito da concepção da região Norte (...).” (Presidente da ADRIL e TURIHAB).

A estratégia da “nova” região de turismo Porto e Norte de Portugal é considerada por alguns entrevistados como sendo ambiciosa, porventura, demasiado ambiciosa. Disso é notícia o que se adianta na declaração seguinte:

“O lema é “Porto e Norte têm”: têm produtos, têm que ter produtos estratégicos, produtos em que o Porto e Norte vão apostar, se se querem diferenciar de todos os outros e se querem ficar no segundo lugar no *ranking* do turismo de Portugal. E então criámos o Turismo de Negócios no Porto, o *City-break* (...). A oferta de restauração, somos nós e Viana do Castelo (...). O Douro já tem a oferta do Turismo de Negócios e *City Short Breaks* (...). O Turismo de Natureza é Bragança e Trás-os-Montes (...). O Turismo Religioso (...) vai para Braga. Depois temos o Cultural e Paisagístico, que é mais Guimarães Capital Europeia da Cultura 2012 (...) e (...) o Turismo de Saúde e Bem-Estar, que está centrado em Chaves (...).” (Responsável da Delegação de Turismo de Ponte de Lima).

Lendo de modo cruzado as declarações prestadas pelos nossos entrevistados, pode concluir-se que estes, apesar de reconhecerem a existência de uma evolução em matéria de enquadramento institucional, entendem que o modelo não se tem revelado eficaz, porque, por um lado, centra-se muito na promoção, e, por outro lado, o turismo envolve vertentes como o planeamento e a valorização dos recursos e do património, que têm sido minorizadas. Isso encontra-se razoavelmente retratado nas declarações que se retêm de seguida:

“A nível da organização e gestão do turismo, parece que houve uma evolução clara daquilo que era a organização do passado e aquilo que é a organização do presente. Hoje temos um quadro de três instituições, mas estamos a falar de três instituições com um quadro de actuação (...). A grande maioria das actividades centra-se na promoção turística e o turismo, como sabemos, não é só promoção turística. Tem a ver com planeamento, a valorização dos recursos, do património histórico-cultural. É muito mais vasto do que isso (...) mas parece-me que ainda não é o modelo ideal ao nível de gestão e organização do turismo a nível regional.” (Perito em turismo da CCDR-N e Coordenador da Agenda Regional do Turismo).

Uma outra opinião recolhida que dá bem notícia das dificuldades e contradições da evolução havida é a que se segue:

“(…) a nível nacional a ideia de fundo por detrás desta reestruturação parece-me positiva, ou seja, o deixarmos de nos organizar meramente em espaços geográficos e passarmos a organizarmo-nos em espaços temáticos ou em produtos parece-me mais de acordo com (…) o tentarmos perceber que aquilo que os públicos e os turistas procuram (...). No entanto, considero que não se está exactamente a seguir a qualidade dessa ideia, porque na prática o que tem vindo a acontecer é que um conjunto de infra-estruturas de âmbito geográfico foram substituídas, foram em alguns casos puramente extintas e (...) na prática não foram criadas mais que réplicas (...) do sistema anterior (...). (Director de Projecto Guimarães 2012).

3.3. O Plano Estratégico Nacional de Turismo

Considerando directamente o Plano Estratégico Nacional de Turismo (P.E.N.T.), os entrevistados são de opinião que este teve um significado positivo na definição de uma estratégia nacional para o turismo. Contudo, explicitaram algumas dúvidas quanto à eficácia daquele a nível nacional. Vejamos o que as narrativas nos dizem a respeito do P.E.N.T.:

“Foi um ponto de partida. Os dez produtos são essenciais em Portugal, e a partir desses produtos poderão desenvolver-se outros. Vão concerteza desenvolver-se outros, porque todos os anos se vão criando mais-valias nos distritos e no país.” (Vereador do Turismo da Câmara Municipal).

“É um bom plano (...). Obviamente vamos ter sempre pessoas que estão contra por o produto tal não estar incluído. Uma das áreas em que houve mais protestos foi da parte do Turismo Religioso. Ora eu compreendo, por um lado, que o Turismo Religioso esteja incluído no âmbito cultural.” (Coordenador do Curso de Turismo do IPVC).

Há, no entanto, quem defenda que o P.E.N.T., apesar de definir as prioridades estratégicas em termos de áreas de aposta, lhe falta uma melhor visão regional e a previsão de uma implementação mais eficaz por parte das regiões.

“Relativamente ao P.E.N.T. (...) constitui um plano estratégico, constitui um sinal positivo que engloba, pelo menos, uma orientação global. Definem-se (...) as prioridades (...). O que eu penso do P.E.N.T. é que carece de (...) uma melhor operacionalização das regiões.” (Perito em turismo da CCDR-N e Coordenador da Agenda Regional de Turismo).

Os testemunhos que se seguem mostram-nos a preocupação com a operacionalização do P.E.N.T.. Se, por um lado, ele define de forma satisfatória os produtos estratégicos, por outro lado, põe em evidência um défice de competências para serem implementados pelas estruturas locais:

“Eu considero que um documento estratégico serve acima de tudo para orientar e o P.E.N.T. serviu para isso e deixou um conjunto de orientações que me parecem suficientes. (...) Aquilo que é insuficiente (...) é a capacidade de o implementar, seja pelas estruturas locais, seja pelas nacionais, seja pelas entidades públicas locais, seja mesmo pelos agentes privados porque, mesmo ao nível do mercado privado, temos grandes défices de competências (...)” (Director de Projecto de Guimarães 2012).

Uma preocupação evidenciada em relação ao P.E.N.T. é a ausência de produtos, que na opinião do nosso entrevistado são estratégicos para o Minho e para a região Norte. São eles: o Golfe; o Turismo de Habitação; e o Turismo em Espaço Rural.

“Eu penso que o P.E.N.T. tem de ser reestruturado, porque ele foi lançado (...) há quatro anos e (...) há dois aspectos que consideramos ser importantes: um é que o produto Golfe pode ser, deve ser considerado estratégico para esta região do Minho e quem diz o Minho diz para a região Norte (...). O outro é que o Turismo de Habitação, o Turismo em Espaço Rural, também devem ser produtos estratégicos, porque neste momento está disperso quer pelo Turismo de Natureza quer pelo *Touring* (...)” (Presidente da ADRIL e da TURIHAB).

3.4. Recursos identificados e sua optimização no quadro de um destino de turismo cultural

Em termos de recursos identificados, a autarquia e as instituições culturais identificam, a nível cultural, o Centro Histórico de Ponte de Lima e, a nível natural, a Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos como os principais recursos disponíveis. A técnica da AREA Alto Minho também identifica o Centro Histórico e as Zonas de Paisagem Protegida (Sítios da Rede Natura) como principais recursos turísticos locais, e refere ainda a importância do território no seu todo. As áreas protegidas são também referidas pela CCDR-N.

As Instituições de Ensino Superior, por seu lado, referem a importância da gastronomia (a técnica da AREA Alto Minho também o refere) e da participação dos

residentes, e a importância de alguns monumentos que se situam fora da Vila, como o Paço do Curutelo, em Freixo. São igualmente evidenciados os solares, o rio, a biodiversidade e o Parque Nacional Peneda-Gerês (P.N.P.G.).

O Sector dos Serviços também identifica a componente monumental da vila, as Lagoas, as Ecovias, os Solares, a gastronomia, as festas e as tradições, a náutica, as Feiras dos Petiscos e a Feira do Cavalo. Uma forma de melhor rentabilizar as Ecovias, foi sublinhado que poderia ser através de pacotes.

O Director de Projecto “Guimarães 2012” refere como principais recursos na região Norte as Áreas Património Mundial, os Centros Históricos das vilas e cidades e o património imaterial, ou seja, o capital simbólico do território, os processos de industrialização, as festas e os rituais. No entanto, defendeu que o território não sabe, ainda, vender esses produtos e continua muito fechado em si mesmo:

“[Aposta na] relação entre o que é património físico, património imaterial e produção contemporânea. Penso que é neste triângulo que se pode fazer o sucesso do turismo da região Norte (...)”. (Director de Projecto “Guimarães 2012”).

No que ao estádio de desenvolvimento do turismo cultural se refere, o Município defende que está numa fase de crescimento e indica-nos que o produto está a ser desenvolvido através de alguns projectos âncora:

“Está numa fase de crescimento; está a crescer porque o Museu dos Terceiros é uma atractividade cultural (...). Estamos a desenvolver mais projectos, (...) vamos ter a Casa da Terra, (...) onde vamos fazer a promoção de todos os produtos tradicionais e a cultura de Ponte de Lima (...)” (Vereador do Turismo de Ponte de Lima).

O IPVC, referindo-se à situação do turismo cultural na região, é de opinião que está em estagnação. As Associações, por sua vez, dizem que está numa fase de crescimento. Retêm-se de seguida as declarações do representante do IPVC:

“O Turismo tem de estar constantemente em mudança, (...) eles [os turistas] querem tudo o que é tradicional mas com um toque de modernidade. E o que é que nós estamos a fazer a esse respeito? Não estamos. Do ano passado para este ano o que é que vamos apresentar de novo? Nada (...)” (Coordenador do Curso do Turismo do IPVC).

O Director de Projecto “Guimarães 2012”, por seu turno, refere que o turismo cultural está numa fase inicial de desenvolvimento, dado que a consciência de que a

dimensão cultural tem importância turística é recente. Defende que a dimensão cultural é o factor que motiva as pessoas a ir a um sítio. Este entrevistado foi um dos que indicou a necessidade de gerar experiências criativas nos territórios que vão ser visitados.

O Arquivo Municipal refere a continuação dos Serões de História Local como forma de sensibilizar as pessoas e promover o património imaterial. Por sua vez, a coordenadora da biblioteca sugeriu a implementação de visitas guiadas com um guia que explicasse a história local e os monumentos. Defendeu ainda a criação de uma organização destinada a desenvolver actividades que tirassem partido das lendas, através da dramatização.

A técnica da AREA Alto Minho concretizou a sua resposta sublinhando as potencialidades decorrentes da existência de lagoas, ecovias, montras gastronómicas e da Serra de Arga. Finalmente, o docente da Universidade Fernando Pessoa (UFP) defendeu nos seguintes termos a necessidade de serem definidos os públicos-alvo do turismo criativo:

“É [necessário] atrair públicos com uma sensibilidade ecológica e com capacidade económica. Viana está a definhar e os comércios estão a fechar. Temos de criar uma sociedade mais atractiva [...]. O território tem de criar ofertas para os diferentes públicos” (Docente e Investigador da UFP).

No que às associações diz respeito, estas são de opinião que as potencialidades que existem actualmente são relevantes. Assumem, entretanto, que subsistem entraves externos (crise económica e financeira vivida) e internos (baixa qualidade dos transportes disponíveis e más comunicações públicas).

4. Análise estratégica

A análise do tipo estratégico (S.W.O.T. - *Strengths, Weaknesses, Opportunities and Threats*) consiste, resumidamente, na construção de um quadro de fraquezas, ameaças, potencialidades e oportunidades, tomando por objecto de aplicação a problemática em estudo. Desse modo, através de uma sistematização das determinantes de evolução previsível do objecto de estudo, pode-se apostar na melhoria das condições

que o enquadram. Obviamente, neste caso, está em perspectiva habilitar Ponte de Lima a responder de forma mais eficaz aos desafios que se lhe põem em termos de estratégia turística. Como se deixou dito logo a abrir este artigo, está em causa incentivar este pequeno núcleo urbano a tornar-se mais atractivo, o que pode ser conseguido pela via da criação de um novo produto turístico.

Apesar das potencialidades que lhe são reconhecidas, o sector do turismo em Ponte de Lima tem ainda um peso relativamente baixo na economia local, se comparado com outras vilas do país e, sobretudo, atendendo ao potencial de recursos existente. Este panorama está relacionado com diversos problemas que importa identificar e ultrapassar.

De forma resumida, no Quadro 2, fazendo presente os dados gerais que se retiveram e as opiniões recolhidas juntos dos agentes que entrevistámos, identificam-se as forças, fraquezas, oportunidades e, também, as ameaças com que se depara Ponte de Lima em matéria de desenvolvimento do seu turismo.

Na nossa óptica e com base no que se sistematiza no Quadro 2, importa sublinhar as seguintes dimensões no que respeita a pontos fortes: o concelho de Ponte de Lima possui um património natural e paisagístico rico e diversificado, que se tem preservado; o município também é rico em património material e imaterial, com destaque para o seu Centro Histórico e o seu rico património etnográfico; a ruralidade é outro dos seus maiores atributos; a proximidade à sede do distrito (cerca de 30 minutos de distância) facilita a relação entre o município e Viana do Castelo; o facto de ter aumentado a sua população, inclusive a sua população jovem também lhe incrementa o potencial em matéria de qualidade da oferta de serviços.

Por outro lado, no que aos pontos fracos respeita, podem-se sublinhar os seguintes: o estacionamento que continua a efectuar-se no leito de cheia do rio Lima; o excesso de tráfego rodoviário verificado no centro da vila e na zona ribeirinha; a elevada taxa de analfabetismo, que em 2001 se situava ainda nos 12%; a base económica débil e pouco diversificada, em que os agricultores são de idade avançada e poucos receptivos à inovação; o facto de Ponte de Lima ter um dos mais baixos poderes de compra do Minho-Lima.

Quadro 2- Análise S.W.O.T. do concelho de Ponte de Lima

Forças	Fraquezas
<ul style="list-style-type: none"> - Património natural e paisagístico rico e diversificado; - Elevado grau de preservação ambiental; - Potencialidades ligadas ao património material e imaterial; - Município com uma posição geográfica central no Minho; - O crescimento da sua população jovem. 	<ul style="list-style-type: none"> - Baixo nível de qualificação de recursos humanos (elevada taxa de analfabetismo); - Estacionamento no leito de cheia do Lima; - Excesso de tráfego rodoviário no centro da vila; - Base económica débil e pouco diversificada; - Baixo poder de compra.
Oportunidades	Ameaças
<ul style="list-style-type: none"> - Aproveitamento turístico / paisagístico e valorização do leito do rio; - Requalificação das margens do Lima; - Lugares de elevado interesse patrimonial; - Golfe; - Hipódromo e Centro Equestre; - Casas de Turismo no Espaço Rural; - Clube Náutico (desportos náuticos); - Festas, romarias e outras manifestações culturais próprias; - Imagem muito positiva; - Proximidade geográfica à Galiza; - Mudança das motivações da procura; - Proximidade de pólos universitários; - Realização de “Guimarães 2012”; - Construção de Centro de Congressos; - Projecto de Casa Auto-Sustentável. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de uma cultura empresarial virada para o associativismo e cooperação; - Lacunas na promoção turística; - Ausência de uma imagem consolidada como destino turístico-cultural; - Risco associado ao desenvolvimento de uma lógica de turismo de massas; - Tráfego automóvel no Centro Histórico; - Degradação do Rio Lima.

Fonte: Elaboração própria.

Ainda assim, importa manter as seguintes oportunidades: o aproveitamento turístico/paisagístico que é possível fazer, bem como do próprio leito do rio; a valia turístico-paisagística que se pode conseguir com a requalificação das margens do Lima; a existência de lugares detentores de elevado interesse turístico, entre os quais a Área da Paisagem Protegida das Lagoas de Bertandos, São Pedro d’Arcos, a Quinta Pedagógica de Pentieiros, as Ecovias, as Casas de Turismo em Espaço Rural, o P.N.P.G., a Serra d’Arga e o Centro Histórico; o potencial associado ao produto Golfe; o Hipódromo e o Centro Equestre; o Clube Náutico, pela valia daí resultante em matéria de potencial de dinamização de desportos náuticos; a vasta e variada oferta de eventos e actividades de animação, como as Feiras Novas, a Vaca das Cordas, o Festival de Jardins, a Feira do Cavalo, a Feira Quinzenal e, ainda, festas e romarias várias; a proximidade geográfica à Galiza; a mudança que se vem verificando nas motivações da procura, com crescente

valorização das áreas menos massificadas e com maior qualidade de vida, do contacto com a natureza, da descoberta de produtos diferentes e originais; a proximidade a pólos universitários - para além da Escola Profissional de Ponte de Lima, existe a Escola Superior Agrária, a Universidade Fernando Pessoa e a Universidade Aberta.

Além destes pólos, temos ainda na região o Instituto Politécnico de Viana do Castelo, a Universidade do Minho e a Universidade Católica, que proporcionam as condições para a formação de novos técnicos, e podem ser um potenciador de criatividade e de intercâmbios humanos vários. Acrescem ainda: a realização da Capital Europeia da Cultura “Guimarães 2012”, pelo seu efeito imediato de divulgação do território e atracção de visitantes; a construção de um Centro de Congressos para potenciar o Turismo de Negócios; e o projecto de construção de uma casa auto-sustentável, que pode ajudar a dinamizar o turismo científico.

Quanto às ameaças, podem-se enunciar as seguintes: a falta de uma cultura orientada para o associativismo e cooperação entre os agentes, com consequências na descoordenação e fragmentação de iniciativas públicas e privadas; as lacunas que se registam na promoção turística, relacionadas não só com a dispersão de recursos e o escasso aproveitamento de sinergias mas também com a fraca utilização das novas tecnologias como meio de promoção e comercialização; a ausência de uma imagem consolidada como destino turístico-cultural; o risco da persistência de uma orientação para o turismo de massas, com a consequente saturação da capacidade de carga dos territórios e destruição de recursos; e o estacionamento que persiste no leito de cheia do Rio Lima.

5- Conclusões e recomendações

Com esta investigação, pensa-se ter ficado evidenciado que o turismo pode dar um grande contributo para o desenvolvimento de pequenos núcleos urbanos como Ponte de Lima, uma vez que se posiciona como um dos sectores com mais potencial de crescimento, sendo entretanto necessário assegurar a diversificação e a originalidade dos produtos oferecidos.

O presente artigo pretendeu, também, contribuir para a divulgação de um novo discurso, em que o elemento central é a criatividade, e para a oportunidade subsistente de associar esta às estratégias de turismo cultural. Naturalmente que o potencial turístico

daí decorrente só é real se for possível contar à partida com uma boa carteira de recursos endógenos e se for possível criar adesão para tal projecto nos variados agentes ligados ao turismo e, de um modo geral, ao território em que se pretende intervir.

Ponte de Lima tem uma posição de centralidade no Minho. Por contrapartida, possui ainda uma população bastante desqualificada [de que a taxa de analfabetismo verificada em 2001 (12%) era indicador expressivo] e conta com uma base económica débil e pouco diversificada. Estes dados desfavoráveis contrastam, por outro lado, com a respectiva riqueza em recursos naturais e patrimoniais, materiais e imateriais, os quais permitem a potenciação do turismo e de novos produtos turísticos. A este nível, destacamos o seu Centro Histórico, as Lagoas de Bertandos e São Pedro d'Arcos, a Quinta de Pentieiros, a Serra d'Arga, a proximidade ao P.N.P.G., o rio Lima, e os seus múltiplos eventos culturais. Quanto ao património construído, além do civil, tem ainda o religioso. No património imaterial, além das festividades, tem as lendas, e histórias e memórias que povoam o imaginário popular, ou seja, um rico património oral.

Ao nível das acessibilidades, Ponte de Lima tem facilidades de acesso e proximidade a outros destinos como Porto, Braga, Guimarães, Galiza, que poderão propiciar visitas de turistas que, inclusive, não tenham como primeiro destino aquela Vila.

Em matéria de estratégia de comunicação e marketing, seria interessante o desenvolvimento de parcerias de diversas naturezas, entre agentes do território e destes com outros de municípios vizinhos, em matéria de promoção turística mas também a nível de oferta de pacotes de produtos turísticos. Como factor favorável, conta-se, desde logo, com a imagem muito positiva de que Ponte de Lima beneficia. Ainda em matéria de plano de comunicação e marketing, importa fazer uso mais generalizado de novos métodos de comunicação.

Quanto ao envolvimento dos diversos actores no desenvolvimento do turismo (município, associações, sector dos serviços, instituições culturais, instituições de âmbito regional), das entrevistas realizadas conclui-se que demonstram uma forte sensibilidade para o sector, o que poderá ser um bom indicador em matéria de potencial de desenvolvimento.

Ao nível dos recursos, sublinha-se uma vez mais a necessidade de haver mais organização e de se elaborarem pacotes turísticos consistentes que possam ser

divulgados junto dos operadores turísticos e do público-alvo, em geral. Importa, por outro lado, requalificar a oferta existente a nível hoteleiro e de restauração.

A melhoria do calendário de eventos e a elaboração de uma Agenda Cultural conjunta com outros municípios do território envolvente seriam, igualmente, formas eficazes de promover a Vila de Ponte de Lima. Os eventos pensados em conjunto, ao longo do ano, poderiam configurar num esboço de programa cultural, onde iniciativas como o Festival de Ópera e o Festival de Jardins se configuram já como peças de um projecto de destino cultural criativo. As Feiras Novas e a Vaca das Cordas também podem ser potenciados para o turismo e serem outros elementos de amarragem do turismo cultural. Reforçando essa dimensão, poderia ser interessante, por exemplo, desenvolver em Ponte de Lima um projecto de músicas étnicas, seguindo o que se faz anualmente em Sines (Festival Músicas do Mundo).

Concluindo: é nosso convencimento que Ponte de Lima tem potencial para consolidar a sua posição como destino turístico de qualidade e, inclusive visar posicionar-se melhor no segmento dos destinos de turismo cultural e, mesmo, como destino de turismo activo. Todavia, para tanto será necessário que os agentes do território, públicos e privados, consigam coordenar melhor as respectivas acções e tornar efectivos novos produtos turísticos. Estes devem ir ao encontro das mudanças que se vêm verificando nas preferências de certos sectores da procura turística, que, ao que se sabe, buscam férias mais activas e, em muitos casos, mais criativas e singulares.

Bibliografia

Cadima Ribeiro, José (2009), “Cidades Criativas: do conceito à acção política”, in *Planeamento Territorial*, (disponível em:

<http://www1.eeg.uminho.pt/economia/jcadima/> - acedido em 15 de Julho de 2009).

C.M.P.L. (2002), Relatório do Plano Director Municipal de Ponte de Lima, Plano Director Municipal, Ponte de Lima, Câmara Municipal de Ponte de Lima.

Escalegre, J. (2008), Apontamentos da disciplina de Economia, Cultura, Ambiente e Desenvolvimento – Mestrado em Planeamento e Organização do Espaço Territorial, Universidade Católica Portuguesa, Núcleo de Braga, ano lectivo de 2007/2008.

Florida, R. (2002), *The Rise of the Creative Class*, New York, The Perseus Books Group.

Florida, R. e Tinagli, I. (2004), *Europe in a Creative Age*, Carnegie Mellon Software Industry Center (disponível em

http://www.gmit.ie/research/report_europe_in_the_creative_age.pdf - acedido em 29-03-2009).

Fundação Serralves (2008), *Estudo Macroeconómico para o desenvolvimento de um cluster das Indústrias Criativas na Região do Norte, Porto*, Fundação de Serralves (disponível no site: <http://www.serralves.pt/gca/?id=3800> – acedido em 28-11-2008).

Haarich, S. e Lenfers, E. (2000), “Publicly Supported Cultural Infrastructure and the Culture Industries in Bilbao”, extraído de *AAVV – Culture industries in Europe*, MWMTV, Dusseldorf, pp. 129-135.

Henriques, E. B. (2003), “Culture et emploi dans l’Aire Métropolitaine de Lisbonne. La Composante du secteur économique de la culture”, in *Geographie Économique Société*, 5, pp. 223-242.

I.N.E. (2002), *Censos 2001*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt).

I.N.E. (2008), *Anuário Estatístico da Região Norte de 2007*, Lisboa, Instituto Nacional de Estatística (www.ine.pt).

I.N.E. (2008), *Estimativas da População Residente de 2007*, Lisboa.

Kunzmann, K.R. (2006), “The Creative Metropolis”, Dipartimento di Architettura e Pianificazione, Politecnico di Milano, *La città di città: Un progetto strategico per la regione urbana Milanese*, Istituto dei Ciechi di Milano, 20 February 2006, [on-line] disponível em: <http://www.planum.net/topics/kunzmann-epp.html> - acedido em 27 de Janeiro de 2009.

Landry, C. et al. (1996), *The Creative City in Britain and Germany*, United Kingdom and Germany, Anglo-German Foundation.

Mota, Mécia, Remoaldo, Paula Cristina e Cadima Ribeiro, José (2010), “A evolução do turismo cultural e os desafios que se colocam aos pequenos núcleos urbanos: o caso de Ponte de Lima”, I Congresso Internacional de Turismo da ESG/IPCA – Produtos e Destinos Turísticos de Excelência – 1 e 2 de Outubro de 2010, Barcelos, 22 pp.

Remoaldo, Paula Cristina e Machado, Helena (2008), *O Sofrimento Oculto. Causas, cenários e vivências da infertilidade*, Porto, Edições Afrontamento.

Richards, G. e Raymond, C. (2000), “Creative Tourism”, in *ATLAS News*, nº 23, pp. 16-20.

Richards, G. e Wilson, J. (2006), “Developing creativity in tourists experiences: A solution to the serial reproduction of culture?”, in *Tourism Management*, 27, pp. 1209-1223.

Richards, G. (2009), “Tourism development trajectories: From culture to creativity?”, in *Asia-Pacific Creativity Forum on Culture and Tourism*, Jeju Island, Republic of Korea, 3-5 June 2009.

Sá, A. et al. (2007), *Plano de Acção Sectorial para o Turismo, Vol. 2, Diagnóstico, Valimar Comunidade Urbana*.

Selada, C. e Vilhena da Cunha, I. (2008), “A criatividade é “um produto urbano”?”, in *Público*, segunda-feira, 4 de Fevereiro de 2008 (disponível em <http://www.inteli.pt/cms/view/id/6/> - acedido em 27-01-2009).

Simeon, M.L., Buonincontri, P., Trapani, D.G. (2009), “Importance, features and trends of cultural tourism in Italy: The case Pompeii, Herculaneum and the Archaeological system of Vesuvius”, in *Advances in Tourism Economics 2009, Conference Proceedings*, Lisbon, 25 p.